



Relatório Analítico dos Investimentos no 1º Semestre de 2013

:: GLOSSÁRIO

Informamos algumas definições técnicas que foram apresentadas a seguir, sobre os instrumentos matemáticos e estatísticos que são utilizados neste relatório para a avaliação do risco de seus investimentos, queremos fazer um breve esclarecimento. Classicamente há três tipos de riscos: risco de mercado, risco de liquidez e risco de crédito.

Neste relatório abordaremos apenas o *risco de mercado*, em suas aplicações financeiras no primeiro Semestre de 2013. Ressaltamos que alguns destes instrumentos estão na língua inglesa, demonstrando que também são amplamente utilizados nos mercados internacionais.

VAR (Value-At-Risk)

Ao analisar o perfil de um fundo de investimentos é comum encontrar os limites de risco do fundo calculados pela metodologia do Value at Risk (Valor em Risco) – VaR.

O VaR é uma medida estatística da variação máxima potencial, no valor de uma carteira de investimentos financeiros, dado determinado nível de probabilidade, para um intervalo de tempo predefinido.

Resumidamente, o VaR, responde à seguinte questão: quanto podemos perder, dado x% de probabilidade, para um determinado intervalo de tempo.

Volatilidade

Sensibilidade evidenciada pela cotação de um ativo ou de uma carteira de ativos às variações globais dos mercados financeiros. Indica o grau médio de variação das cotações de um ativo em um determinado período. Ocorre quando a cotação do ativo tem variações frequentes e intensas. A volatilidade é uma medida de risco de mercado.

Medida estatística da variabilidade (Volatilidade) de um conjunto de observações. É uma medida de dispersão muito utilizada, que se baseia nos desvios das observações em relação à média.

O **desvio padrão**, que serve para mostrar o quanto os valores dos quais se extraiu a média são próximos ou distantes da própria média.

Índice de Sharpe

Índice amplamente utilizado por profissionais do mercado financeiro, que relaciona o risco e a rentabilidade envolvidos em determinado investimento, na tentativa de melhor qualificá-lo. O cálculo deste índice leva em consideração a volatilidade e o retorno do fundo acima do benchmark. Quanto maior o retorno e menor o risco, maior será o índice de Sharpe. Pode-se dizer que é um índice complementar à análise da relação risco x retorno, e que deve ser sempre observado pelo gestor de investimentos deste RPPS.

Tracking Error

Tracking Error é uma medida, em percentual de quão aproximadamente um portfólio replica o seu benchmark. O Tracking Error mede o desvio-padrão da diferença entre os retornos do portfólio e os retornos do benchmark. Para um fundo que visa replicar um índice, o tracking error deverá ser tão próximo quanto possível de zero. Para fundos com gestão ativa, o Tracking Error pode ser muito maior.

Alfa

O Alfa mostra a capacidade e habilidade gerencial dos administradores de carteira; com o objetivo de obter retornos superiores àqueles que poderiam ser esperados, dado o nível de risco da carteira de investimentos, pela previsão bem sucedida de preços dos ativos.

Quando o desempenho da carteira de ativos está em equilíbrio com o desempenho da carteira de mercado, $\alpha = 0$. Quando a carteira de ativos tem um desempenho superior à carteira de mercado, obviamente $\alpha > 0$. Caso contrário, $\alpha < 0$.

Produto / Fundo	Retorno (%) mês base - Junho / 2013					Taxa de adm.	% S/ PL do Fundo	% s/ carteira	Saldo em Junho / 2013	Segmento	Enquadramento Resolução 3.922/2010
	Mês	Ano	3 meses	6 meses	12 meses						
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	-2,73%	-7,76%	-5,38%	-7,76%	4,40%	0,20 %	0,04%	11,25%	2.770.786,65	Renda Fixa	Artigo 7º, Inciso I, Alínea B
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	-2,93%	-7,65%	-5,43%	-7,65%	4,24%	0,20 %	0,01%	2,27%	559.821,64	Renda Fixa	Artigo 7º, Inciso III
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	1,14%	5,07%	2,94%	5,07%	9,23%	1,40 %	11,53%	86,48%	21.303.275,19	Renda Fixa	Artigo 7º, Inciso VII, Alínea B
							TOTAL		24.633.883,48		

:: ENQUADRAMENTOS - RESOLUÇÃO 3.922/2010 e POLÍTICA DE INVESTIMENTOS (Junho / 2013)

Enquadramento na Resolução 3.922/2010			
Artigo	% PL	Limite	Total do Artigo
Artigo 7º, Inciso I, Alínea B	11,25%	100,00%	2.770.786,65
Artigo 7º, Inciso III	2,27%	80,00%	559.821,64
Artigo 7º, Inciso VII, Alínea B	86,48%	5,00%	21.303.275,19
Total Renda Fixa	100,00%	100,00%	24.633.883,48

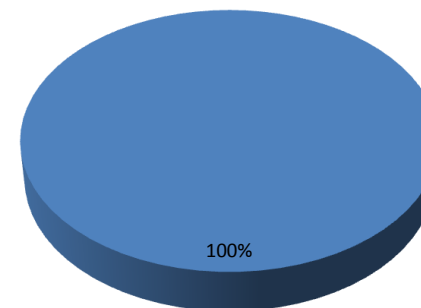
Enquadramento na Política de Investimentos				
Artigo	% PL	Limite	Total do Artigo	GAP
Artigo 7º, Inciso I, Alínea B	11,25%	70,00%	2.770.786,65	14.472.931,79
Artigo 7º, Inciso III	2,27%	20,00%	559.821,64	4.366.955,06
Artigo 7º, Inciso IV		5,00%		1.231.694,17
Artigo 7º, Inciso VI		5,00%		1.231.694,17
Artigo 7º, Inciso VII, Alínea B	86,48%	0,00%	21.303.275,19	-21.303.275,19
Total Renda Fixa	100,00%	100,00%	24.633.883,48	

Artigo 8º, Inciso I		5,00%		1.231.694,17
Artigo 8º, Inciso III		15,00%		3.695.082,52
Total Renda Variável		20,00%		

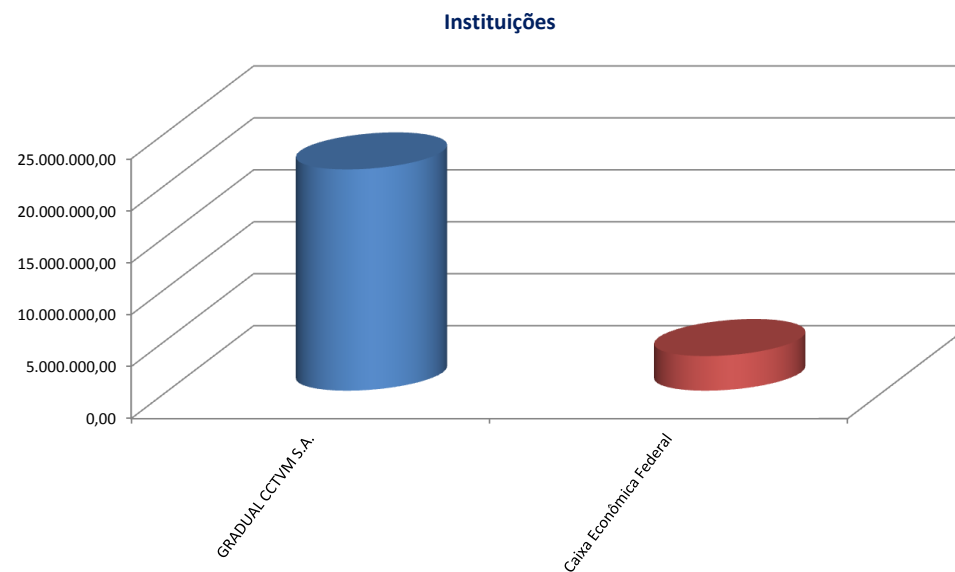
:: DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS POR INSTITUIÇÃO E SEGMENTO (Junho / 2013)

Fundos de Renda Fixa e Renda Variável		
Instituição	Valor	%
GRADUAL CCTVM S.A.	21.303.275,19	86,48%
Caixa Econômica Federal	3.330.608,29	13,52%

Composição da Carteira		
Segmento	Valor	%
Renda Fixa	24.633.883,48	100,00%



■ Renda Fixa



RETORNO FINANCEIRO DOS INVESTIMENTOS APÓS AS MOVIMENTAÇÕES - 1º Semestre / 2013		Saldo em	Aplicações no	Resgates no	Saldo em	Retorno (\$) no
		Dezembro / 2012	1º Semestre / 2013	1º Semestre / 2013	Junho / 2013	1º Semestre / 2013
		23.953.039,49			24.633.883,48	680.843,99
Ativos de Renda Fixa	Instituições	23.953.039,49			24.633.883,48	680.843,99
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	GRADUAL CCTVM S.A.	20.342.999,28			21.303.275,19	960.275,91
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	Caixa Econômica Federal	606.191,37			559.821,64	-46.369,73
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	Caixa Econômica Federal	3.003.848,84			2.770.786,65	-233.062,19

:: RETORNO (%) DOS INVESTIMENTOS APÓS AS MOVIMENTAÇÕES - 1º Semestre / 2013

	Acumulado no 1º Semestre / 2013	Jan/13	Fev/13	Mar/13	Abr/13	Mai/13	Jun/13
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)	6,28%	1,43%	0,94%	1,07%	1,10%	0,84%	0,74%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	4,72%	0,38%	0,96%	0,62%	0,83%	0,93%	0,91%
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	-7,65%	0,58%	-0,68%	-2,24%	1,79%	-4,30%	-2,93%
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	-7,76%	0,52%	-0,78%	-2,26%	1,82%	-4,47%	-2,73%

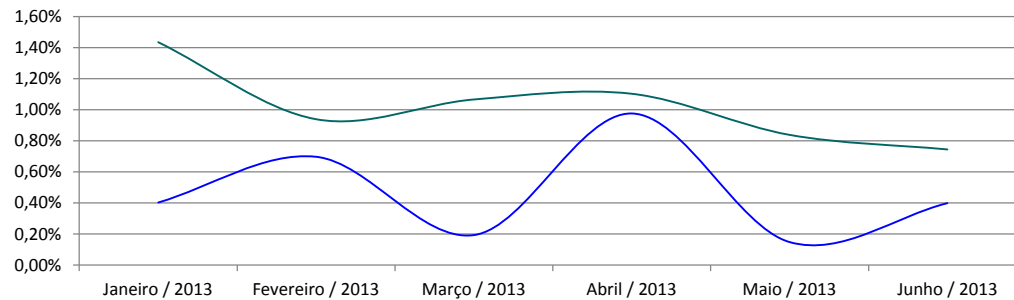
:: RETORNO (%) DOS INVESTIMENTOS APÓS AS MOVIMENTAÇÕES, POR SEGMENTO, ARTIGOS DA RESOLUÇÃO 3.922/2010 E INSTITUIÇÕES - 1º Semestre / 2013

Renda Fixa	2,84%
Artigo 7º, Inciso I, Alínea B	-7,76%
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	-7,76%
Artigo 7º, Inciso III	-7,65%
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	-7,65%
Artigo 7º, Inciso VII, Alínea B	4,72%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	4,72%

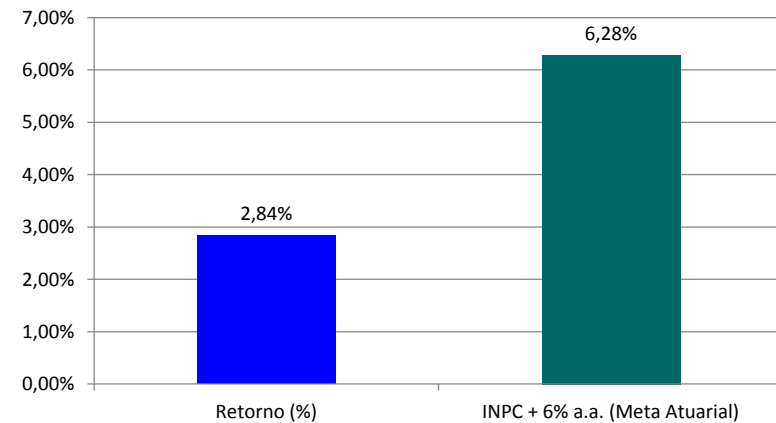
Instituições	
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)	6,28%
GRADUAL CCTVM S.A.	4,72%
Caixa Econômica Federal	-7,74%

:: RENTABILIDADE DA CARTEIRA APÓS AS MOVIMENTAÇÕES - 1º Semestre / 2013

Mês	Mês Anterior	Aplicações	Resgates	Mês Atual	Retorno (R\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)	% Ating Meta
Janeiro / 2013	23.953.039,49			24.049.326,58	96.287,09	0,40%	1,43%	28,02%
Fevereiro / 2013	24.049.326,58			24.216.857,31	167.530,73	0,70%	0,94%	74,17%
Março / 2013	24.216.857,31			24.263.420,12	46.562,81	0,19%	1,07%	18,03%
Abril / 2013	24.263.420,12			24.500.154,80	236.734,68	0,98%	1,10%	88,46%
Mai / 2013	24.500.154,80			24.536.247,31	36.092,51	0,15%	0,84%	17,57%
Junho / 2013	24.536.247,31			24.633.883,48	97.636,17	0,40%	0,74%	53,43%
Acumulado	23.953.039,49			24.633.883,48	680.843,99	2,84%	6,28%	45,24%



— INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial) — Retorno (%)



:: ANÁLISE DE RISCO - 1º Semestre / 2013

Ativos	Desvio Padrão	Traking Error	Alfa	Retorno Máximo	Retorno Mínimo	Sharpe	Var
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	10,59%	10,58%	4,08	2,05% 13/06/13	-2,84% 10/06/13	-2,69	9,75%
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	10,07%	10,05%	4,33	2,06% 13/06/13	-2,79% 10/06/13	-2,81	9,25%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	1,04%	1,07%	-0,37	0,40% 08/05/13	-0,35% 28/05/13	-2,24	0,50%

RENTABILIDADE DA CARTEIRA - APÓS AS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS Janeiro / 2013	Saldo em Dezembro / 2013	Aplicações em Janeiro / 2013	Resgates em Janeiro / 2013	Saldo em Janeiro / 2013	Retorno (\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)
Ativos	23.953.039,49			24.049.326,58	96.287,09	0,40%	1,43%
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)						1,43%	
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	606.191,37			609.707,27	3.515,90	0,58%	
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	3.003.848,84			3.019.366,80	15.517,96	0,52%	
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	20.342.999,28			20.420.252,51	77.253,23	0,38%	

RENTABILIDADE DA CARTEIRA - APÓS AS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS Fevereiro / 2013	Saldo em Janeiro / 2013	Aplicações em Fevereiro / 2013	Resgates em Fevereiro / 2013	Saldo em Fevereiro / 2013	Retorno (\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)
Ativos	24.049.326,58			24.216.857,31	167.530,73	0,70%	0,94%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	20.420.252,51			20.615.404,03	195.151,52	0,96%	
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)						0,94%	
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	609.707,27			605.537,48	-4.169,79	-0,68%	
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	3.019.366,80			2.995.915,80	-23.451,00	-0,78%	

RENTABILIDADE DA CARTEIRA - APÓS AS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS Março / 2013	Saldo em Fevereiro / 2013	Aplicações em Março / 2013	Resgates em Março / 2013	Saldo em Março / 2013	Retorno (\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)
Ativos	24.216.857,31			24.263.420,12	46.562,81	0,19%	1,07%
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)							1,07%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	20.615.404,03			20.743.111,20	127.707,17	0,62%	
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	605.537,48			591.977,73	-13.559,75	-2,24%	
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	2.995.915,80			2.928.331,19	-67.584,61	-2,26%	

RENTABILIDADE DA CARTEIRA APÓS AS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS Abril / 2013	Saldo em Março / 2013	Aplicações em Abril / 2013	Resgates em Abril / 2013	Saldo em Abril / 2013	Retorno (\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)
Ativos	24.263.420,12			24.500.154,80	236.734,68	0,98%	1,10%
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	2.928.331,19			2.981.689,02	53.357,83	1,82%	
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	591.977,73			602.602,39	10.624,66	1,79%	
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)						1,10%	
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	20.743.111,20			20.915.863,39	172.752,19	0,83%	

RENTABILIDADE DA CARTEIRA APÓS AS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS Maio / 2013	Saldo em Abril / 2013	Aplicações em Maio / 2013	Resgates em Maio / 2013	Saldo em Maio / 2013	Retorno (\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)
Ativos	24.500.154,80			24.536.247,31	36.092,51	0,15%	0,84%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	20.915.863,39			21.111.093,35	195.229,96	0,93%	
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)						0,84%	
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	602.602,39			576.697,81	-25.904,58	-4,30%	
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	2.981.689,02			2.848.456,15	-133.232,87	-4,47%	

RENTABILIDADE DA CARTEIRA APÓS AS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS Junho / 2013	Saldo em Maio / 2013	Aplicações em Junho / 2013	Resgates em Junho / 2013	Saldo em Junho / 2013	Retorno (\$)	Retorno (%)	INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)
Ativos	24.536.247,31			24.633.883,48	97.636,17	0,40%	0,74%
PIATÁ FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO CRÉDITO PRIVADO LP	21.111.093,35			21.303.275,19	192.181,84	0,91%	
INPC + 6% a.a. (Meta Atuarial)							0,74%
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP	2.848.456,15			2.770.786,65	-77.669,50	-2,73%	
CAIXA NOVO BRASIL IMA-B FIC RENDA FIXA LP	576.697,81			559.821,64	-16.876,17	-2,93%	

INFORMAÇÕES E COMENTÁRIOS

Os investidores que optaram por investir seus recursos em títulos de renda fixa negociados no mercado norte-americano se depararam com o pior primeiro semestre desde 1994. Por aqui, se desconsiderarmos os efeitos provocados por calotes, “tablitas” e outras saídas heterodoxas que eram empregados como acessórios dos planos econômicos elaborados para tentar conter a hiperinflação, os investidores em títulos de renda fixa, principalmente os atrelados a inflação, tiveram o pior semestre da história.

Nos Estados Unidos, o principal benchmark do segmento de renda fixa, o “Barclays US Aggregate Capital Index”, apresentou retorno negativo de 2,55% entre janeiro e junho de 2013. Por terras brasileiras o índice IMA-Geral, que mede o desempenho de todos os títulos públicos federais negociados no mercado, recuou 2,67% no primeiro semestre do ano.

O principal motivo apontado pelo mercado financeiro está ligado ao crescimento econômico abaixo do desejável, a inflação que insiste em flutuar perto do “teto” da meta de inflação para a execução da política monetária pelo Banco Central, e para completar o cenário o temor quanto à solidez fiscal do País vem aumentando sistematicamente. Nessa conjuntura, percebe-se um crescente pessimismo dos investidores em relação aos ativos brasileiros. É evidente que esse nervosismo é pertinente, contudo, ao menos neste momento, é recomendável que se mantenha a serenidade.

Em se tratando de crescimento econômico, as expectativas do mercado assinalam uma estimativa de evolução do PIB em torno de 2,31% neste ano e de 2,8% em 2014. Não é muito, entretanto, se ratificados, esses números constituirão uma melhora se comparado aos últimos dois anos.

Dado um cenário global rodeado por incertezas, essa probabilidade ainda é suficiente para atrair IED - Investimentos Estrangeiros Diretos, que têm ficado em torno dos US\$ 60 bilhões em 12 meses.

A despeito da balança comercial brasileira ter perdido força no semestre, grande parte desse volume de investimentos tem se mostrado suficiente para compensar o déficit em transações correntes do balanço de pagamentos.

A priori, essa piora no saldo em transações correntes deve provocar na linha do tempo uma pressão a favor do dólar frente ao real.

Assim, é difícil, neste momento, antever quando e quanto o real poderia desvalorizar frente ao dólar, sobretudo se levarmos em conta a significativa injeção de liquidez promovida pelos bancos centrais das principais economias desenvolvidas do mundo. Este fato é destacado, pois em um primeiro momento a piora do cenário interno tanto para os investimentos em renda fixa como no segmento de renda variável, foram afetados pela percepção dos investidores de uma melhora nos mercados desenvolvidos.

Além disso, cabe destacar que a autoridade monetária brasileira possui perto de US\$ 400 bilhões em reservas internacionais, recursos que podem ser empregados pelo governo brasileiro para segurar a volatilidade do câmbio. À luz da conjuntura atual, faz sentido imaginar que, no curto prazo, o Banco Central opte em conservar a paridade em R\$ 2,00 por unidade da moeda norte-americana, pois, além desta patamar há o risco de piorar ainda mais a situação da inflação.

Buscando debelar o risco de uma pressão inflacionária, o Banco Central iniciou em abril um novo ciclo de elevação da taxa Selic. Nesta primeira revisão, a decisão do Copom deixou o mercado apreensivo. O pronunciamento da autoridade monetária mostrou que não havia consonância entre seus membros sobre o momento para se iniciar o ciclo de aperto monetário, especialmente em virtude das incertezas advindas do cenário internacional.

O presente relatório foi elaborado pela Crédito & Mercado Gestão de Valores Mobiliários para o INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS, não podendo ser reproduzido ou distribuído por este a qualquer pessoa ou instituição sem a expressa autorização.

As informações contidas neste relatório são consideradas confiáveis na data no qual foi apresentado. Entretanto, não representam por parte da Crédito & Mercado garantia de exatidão das informações prestadas ou julgamento sobre a qualidade das mesmas. As opiniões constantes são fundamentadas em julgamento e estimativas e, portanto, sujeitas à alteração.

Fundos de investimento não constam com a garantia do Administrador do fundo, Gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos FGC. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura do prospecto e regulamento do fundo de investimento.

.Em outra frente, no entanto, houve declarações mais contundentes por parte de membros do Comitê, segundo a qual, “o Copom poderá ser instado a refletir sobre a possibilidade de intensificar o uso do instrumento de política monetária”. E assim foi feito, o que provocou a queda acentuada no índice que mede a rentabilidade dos títulos públicos emitidos pelo governo, o IMA.

Resumidamente, por aqui, o mercado de juros precifica neste momento um período “precavido” de aperto monetário, com mais duas ou três elevações de 0,25 p.p. na taxa Selic e alguma possibilidade de que o ritmo possa ser acelerado, sujeito ao comportamento das variáveis econômicas.

Notadamente, esse parece ser a intuito do Banco Central, exceto se não houver surpresas nos indicadores econômicos a serem divulgados daqui para o fim do ano.

Voltando a rentabilidade insatisfatória apresentada pelos títulos de renda fixa, nos mercados mais desenvolvidos essa rentabilidade negativa também incomoda os investidores, entretanto não chegam a causar desespero. Como a maior parte dos títulos estão a algum tempo no mercado e são papéis de longo prazo, os investidores acabam por se familiarizar com o sobe e desce das cotações, também conhecida como volatilidade. A uma regra imutável neste mercado que diz que quando os juros de mercado sobem, o valor presente dos ativos diminui, e conseqüentemente a rentabilidade cai.

Para que possamos melhor compreender como se processa este princípio, imagine que uma aplicação tenha como meta pagar R\$ 1.000,00 daqui a 1008 dias úteis, prazo de cerca de quarto anos. Com os juros de mercado em 8,50% ao ano, o preço de negociação do título, hoje é de R\$ 721,57. Contudo, se os juros subirem para 9,50% ao ano, o valor da aplicação cai para R\$ 695,57. Logo, quanto maior for o juro, menor é o desembolso imediato que o investidor precisa fazer para obter o mesmo valor no vencimento do título. Isso porque, com taxas maiores, o rendimento das aplicações financeiras será mais elevado.

Uma forma mais simples de analisar o mecanismo que define o comportamento do preço de mercado dos títulos de renda fixa – e, conseqüentemente, o rendimento do investidor – é imaginar os efeitos que a oferta e a demanda pelos títulos exercem sobre as cotações.

Como em qualquer mercado, se existem poucas alternativas disponíveis e muito dinheiro para ser investido, o preço do ativo sobe. E o inverso ocorre se a demanda dos investidores é baixa e a oferta de papéis é alta.

Nos Estados Unidos, a ação do FED, o Banco Central americano, gerou uma redução na oferta dos títulos de renda fixa a disposição dos investidores. Foi o chamado estímulo monetário, repetidamente citado pela autoridade monetária brasileira e nas discussões dos especialistas do mercado financeiro. Em decorrência dessa política os juros nos Estados Unidos recuaram para patamares historicamente muito baixos. Em decorrência do excesso de demanda dos investidores e da baixa oferta de títulos pelas instituições financeiras.

Os juros mais baixos dos títulos norte-americanos refletiram no mercado brasileiro, mesmo que indiretamente. No início de janeiro, por exemplo, o Banco Central do Brasil conseguia colocar no mercado títulos corrigidos por taxa prefixada, vencendo em 2017 a taxa de 8,5% ao ano. Os títulos corrigidos por índice de inflação apresentavam prazo de vencimento bem mais longo e taxa em torno de 4,00% ao ano mais a variação do IPCA. Em uma atmosfera favorável e otimista com relação ao desempenho da economia brasileira, era natural que os investidores, principalmente os fundos de investimentos, alongassem o prazo de suas carteiras.

:: INFORMAÇÕES E COMENTÁRIOS

O objetivo era aproveitar a oportunidade de garantir retornos relativamente elevados que eram oferecidos pelos títulos públicos por um longo período. Neste contexto, quanto maior o prazo do título, maior a rentabilidade esperada.

Somado a isso, havia um lucro contábil imediato. Os títulos adquiridos há mais tempo ficavam relativamente mais baratos do que os que estavam sendo vendidos mais recentemente, contribuindo para uma maior rentabilidade.

É comum que em momentos de otimismo e euforia, excessos sejam cometidos. No segmento macroeconômico, a noção de que os principais problemas brasileiros estavam no caminho de serem solucionados e de que tudo se resumia a uma questão de perseverança foi arduamente abalada com as manifestações populares. Hoje, a extensão dos problemas parece maior.

A reação do mercado foi imediata. Na virada do semestre, a Nota do Tesouro Nacional da série B Principal (NTN-B Principal), corrigida pela variação do IPCA e com vencimento em 2035, era negociada por 5,50% ao ano, elevação de 1,5 ponto percentual.

Como o prazo de vencimento do título é longo, o impacto na queda do valor de mercado é mais alto. Os investidores que compraram o título no início do ano desembolsaram cerca de R\$ 900 por cada papel. Hoje a aplicação vale pouco mais de R\$700,00. Com o passar do tempo, essa rentabilidade insatisfatória tende a ser revertida. Mas quem não puder esperar até o resgate terá que apropriar o prejuízo.

No cenário internacional, a simples sinalização de que o FED poderia reduzir o montante do programa de recompra de títulos foi mais que suficiente para provocar uma alta significativa nas taxas de juros. No Brasil, a incerteza em relação a atuação do Banco Central, que sinaliza a sequência no processo de aperto monetário via aumento da taxa Selic para conter a inflação. Esse é o pano de fundo que explica a mudança da curva de juros e os prejuízos dos investidores no segmento de renda fixa.

Renda Variável

O principal índice da bolsa brasileira, o Ibovespa, encerrou o primeiro semestre com o pior desempenho semestral desde 2008, e investidores já se apressam para fechar 2013 no vermelho, avaliando que somente uma reversão de tendências em relação à economia brasileira poderá alterar esse cenário.

No primeiro semestre de 2013, o Ibovespa apresentou um recuo de 22,1% - pior retorno em um semestre desde a queda de 42,0% registrada no segundo semestre de 2008, ápice da crise nos Estados Unidos que culminou na quebra do Lehman Brothers.

Se serve de consolo, uma corrente significativa de profissionais de mercado, que acreditam que há pouco espaço para que os preços das ações caiam mais, pois já refletem a combinação de piora generalizada dos fundamentos macroeconômicos do País com o pico de aversão global a risco, após os Estados Unidos sinalizarem para redução dos estímulos monetários.

Há sinais evidentes de que o Federal Reserve, Banco Central americano, pode reduzir nos próximos meses o seu programa de compra de títulos e, por conseguinte, reduzir a liquidez do mercado, desta forma catalisando o pessimismo do mercado. Este fato reduziu o fluxo para mercados emergentes e isso deve continuar nos próximos meses. O que ainda falta é tentar aferir a intensidade com que isso vai acontecer.

O presente relatório foi elaborado pela Crédito & Mercado Gestão de Valores Mobiliários para o INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS, não podendo ser reproduzido ou distribuído por este a qualquer pessoa ou instituição sem a expressa autorização.

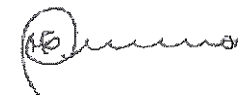
As informações contidas neste relatório são consideradas confiáveis na data no qual foi apresentado. Entretanto, não representam por parte da Crédito & Mercado garantia de exatidão das informações prestadas ou julgamento sobre a qualidade das mesmas. As opiniões constantes são fundamentadas em julgamento e estimativas e, portanto, sujeitas à alteração.

Fundos de investimento não constam com a garantia do Administrador do fundo, Gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos FGC. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura do prospecto e regulamento do fundo de investimento.

Na avaliação do mercado, o principal fator que levou a bolsa a ter este desempenho ruim no primeiro semestre foi a piora generalizada da economia brasileira, com fraco crescimento do PIB, inflação em alta e fracos dados da balança comercial.

Este cenário foi o responsável por a Standard & Poor's revisar no começo de junho a perspectiva do rating soberano do Brasil de "estável" para "negativa".

Na última semana de junho, a agência de notícias Reuters divulgou uma pesquisa que mostra que parte dos analistas estima que o Ibovespa deva subir para 57.500 pontos até o final do ano, um ganho de 17% sobre os níveis atuais.



Manoel Luiz Júnior
Consultor de Investimentos